

OTIM, O ANAGRAMA DO MITO

OTIM, THE ANAGRAM OF THE MYTH

*Julia Magalhães de Oliveira*¹

RESUMO: O presente artigo procura trabalhar a imagem mítica de Otim em uma tentativa de encontrar perspectivas que relacionem este plano subjetivo e sua recorrência na realidade. Trata-se de um mito cuja problemática central gira em torno de uma questão de gênero, cuja latência do feminino se expande e culmina em uma espécie de catarse líquida, na qual a mulher se transforma em mar. A violência desta transformação se realiza desde um contexto de agressão cuja origem parte de um aspecto da natureza do corpo feminino. Esta proposta contempla um exercício de recriação estética que objetiva incitar uma análise crítica focada na ideia de destino, no caráter coercitivo do mito, e do movimento contrário a ele (o anagrama do mito).

PALAVRAS-CHAVE: mito; mulher; mar; corpo; violência.

ABSTRACT: *This article discusses Otim's mythical image in an attempt to find perspectives that relate this subjective approach to its reoccurrence in real life. The myth has a problematic that involves a matter of gender, where a feminine latency expands and culminates in a kind of liquid catharsis in which a woman transforms herself into the ocean. The violence of this transformation takes place in a context of aggression that originates from a natural aspect of the woman's body. The article presents an aesthetic creative exercise that incites a critical analysis focused on the idea of destiny, in the coercitive aspect of the myth, and its counter movement (the anagram).*

KEYWORDS: *myth; woman; sea; body; violence.*

Uma mulher corre em desespero. Seus pés estão descalços e seu corpo, embora vestido, encontra-se completamente nu. Sua cabeça está raspada e o peito ostenta quatro seios. Muita água escorre de seus olhos, como se fossem cachoeira em pranto derramada, selvagem, fria. Os braços balançam no impulso do movimento, os ombros se alternam, o ventre contraído, e as pernas musculosas somente seguem seus espasmos, da cidade rumo à floresta. Soluçando, ela corre cegamente para longe de onde estivera. Parece uma fuga interna, uma fuga contra a dor e a humilhação, das quais o que resta é apenas um corpo em reação. Atrás dela vem um homem correndo em desespero. Seus pés estão descalços e seu corpo, embora vestido, encontra-se completamente nu. As panturrilhas são grossas e cabeludas, as coxas também. Este homem possui um grande corpo de pelugem grisalha, que

¹ Julia Magalhães de Oliveira é Mestre em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista CAPES (2016), Mestre em Artes e Cultura pela Universidade de Leiden (Holanda), bolsista premiada pela LEXS Platinum Awards (2015). oliveira_julia@yahoo.com

corre em perseguição, colocando-o já em desvantagem. Sua cabeça é grande e marcada pelas rugas da idade, seus olhos estão esbugalhados de temor, e sua respiração está concentrada no alcance da mulher fugitiva. São pai e filha. Aos poucos, a mulher se transfigura; à medida em que se afasta da cidade e adentra a mata, seu pranto se torna mais agudo, e seu corpo mais ágil nos desvios das folhagens. Os seios crescem, os mamilos enrijecem, e por mais que Otim não tenha como objetivo chegar a um lugar, suas pernas obedecem ao bater desesperado de seu pobre coração, incessante, acelerado, cada vez mais inflamado. Em determinado momento, um colapso. Um tropeço. O corpo feminino, na terrível velocidade da queda, se estilhaça em gotas d'água. A forma líquida ao encontro do chão segue transcorrendo seu curso rapidamente, mas agora rio. O pai, Oque, atira-se ao solo em sua frente. A forma grande, musculosa e enrugada de seu corpo humano, no choque com o chão, se transforma em montanha. A montanha se põe em frente ao rio, para impedir sua chegada ao mar. Fluídica, Otim não sofre mais, simplesmente corre, contorna o grande obstáculo montanhoso e se encontra com aquela que enfim a acolhe em seu seio, Iemanjá.

Nada se sabe sobre quem a trouxe ao mundo. A mãe de Otim tão-somente inexistente, material, psicológica e espiritualmente. No momento de seu nascimento, o pai percebeu a distinção no corpo da pequena filha, mas não traçou assim, imediatamente, seu destino. Imaginou uma conversa com amigos na qual seria indagado sobre o que ocorreria no corpo da menina uma vez que chegasse à puberdade. Se transformaria aos poucos em uma mulher com quatro seios. Sentiu no fundo dos olhos volúpia e violência. Foi então que estabeleceu um destino cruel para a pequena: Otim nunca deveria se casar. A deformação de seu corpo seria motivo de chacota na cidade, e ele, Rei, não suportaria tamanha humilhação. Assim, Otim cresceu, consciente de que não era destinada à felicidade do matrimônio por uma condição que a natureza lhe conferiu. A mulher Otim ressentia-se, mas sabia encontrar certa paz em um modo de vida modesto, trabalhando no comércio, sem romance, sem paixão, sem nada.

Um homem jovem e bonito entra pela porta do mercado aberto ao meio-dia. Atrás do balcão vermelho, está Otim, vestindo uma camisa branca de gola fechada. Os dois se olham e, no mesmo instante, um zunido a transporta para outra dimensão: os joelhos estremecem de leve, sente uma leve frouxidão intestinal, palpitação e enrubescimento. Otim se apaixona perdidamente pelo jovem rapaz, com quem se casa. O casal estabelece um acordo: tu não falas do meu segredo, não revelas meus quatro seios. Tu não usas mel quando cozinhares, este é o meu tabu. Oque, o pai, contrariado, alerta a filha lembrando-a de seu destino, mas de nada adianta, pois nada pode conter aquele amor explosivo e verdadeiro. As cores nos olhos de

Otim ficam mais vibrantes e os aromas das coisas ficam mais agradáveis. O perfume da pele do homem amado tão bem inebria a jovem mulher. Uma música de tom alegre preenche seus pensamentos e, sim, Otim vive a plenitude e a felicidade. Como pode um homem tão normal se figurar com tamanha grandeza, física e de caráter, e ser para Otim uma verdadeira alma gêmea? Um laço de amor tão profundo, integral e até inocente como criança. Para ela, ele representa todo o sonho de amor, o companheiro que a resgata do fardo da solidão e que quebra o desencanto. Um homem perfeito em imagem, gosto e cheiro, que a coloca em lugar de destaque entre as demais esposas que possui. Com ele Otim é rainha. A rainha do duplo orgasmo, do peito dúplice, o dobro amor carnal. São felizes.

Uma das esposas, bela e pequena por fora, de longos cabelos negros, semblante bem desenhado e discreta presença, entra na cozinha e na vida do casal. A rival sorrateiramente envenena com mel o almoço de Otim na intenção de boicotar a felicidade da moça. É uma tentativa de tomar para si seus encantos e sua paixão. Otim está preparando um delicioso refogado de quiabo, cebola, pimentões vermelhos e amarelos, gengibre, castanha-do-pará e azeite de dendê. Agrada o amado. Este, por sua vez, senta-se à mesa não sem antes desatar os sapatos que apertam os pés cansados ao final do dia. A toalha da mesa é branca, os pratos de louça, as taças com refresco, tudo está maravilhoso. A concha de madeira pesca ao fundo do panelão a melhor porção desta refeição destinada à celebração da vida, e o prato é servido diante do homem. Faminto, com a boca cheia de saliva e o estômago reclamando por alimento, o marido dá a primeira colherada do que deveria ser um regozijo gustativo. Ao preencher o interno da boca, a comida temperada com mel age como se fosse um abocanhado de vespas furiosas que ferroam agulhadas por toda a língua, gengiva e céu da boca. Queima, posto que é quente. Um pequeno gole em meio ao engasgo leva para dentro do esôfago e do estômago esta sensação. Instantaneamente ele jorra ódio pelas ventas e se transforma no pior dos pesadelos. Arremessa o prato de comida na direção de Otim e, na sequência, parte para cima dela com toda violência desconhecida de seu ser. Com o corpo servindo como eixo central, ele gira rapidamente o braço esticado e acerta a face de Otim com as costas da mão. Segurando pelos ombros, atira-a ao chão, cospe, e blasfema: “Tu, com teus quatro seios, sua filha de uma vaca!, como ousaste quebrar o meu tabu?” (PRANDI, 2001, p. 146).

A notícia se espalhou como fogo em mato seco: Otim tornou-se motivo de fofoca e difamação. O pai tentou confortá-la, mas tinha consciência que a pesada sina finalmente se cumprira. Otim foge, Oque vai atrás...

O mito “Otim esconde que nasceu com quatro seios” pode ser conferido na íntegra no trabalho do pesquisador Reginaldo Prandi na “Mitologia dos Orixás”.

Prandi colecionava mitos de orixás há mais de década, enquanto desenvolvia pesquisa sobre as religiões yorubás, quando decidiu, em 1996, sistematizar o trabalho mitológico. Com auxílio do CNPq, organizou e coordenou uma equipe que levantou fontes durante os anos de 1997 e 1998, tomando como base o candomblé, o xangô e outras variantes da religião dos orixás do Brasil, da África e de Cuba. A recriação poética do mito aqui presente se pauta na vontade de aprofundar tanto a riqueza imagética que o mito propõe, quanto uma possibilidade de leitura crítica. Para estes fins, tentarei traçar um paralelo entre a problemática da violência contra a mulher e o caráter coercitivo do mito. Minha proposta objetiva desenvolver a ideia de que Otim rompe com a ordem de destino que lhe é imposta: em primeiro lugar, ela se entrega ao amor, desafiando os desígnios do pai, e, em segundo lugar, ela entrega o corpo e se transforma em mar. O poder desta transformação carrega dentro de si outros destinos, como o do próprio pai, que, ao fim das tentativas de controle, acaba também sucumbindo à forma natural de montanha.

Primeiramente, gostaria de explicitar algumas questões referentes ao mito e à figura de Otim. No contexto mitológico, Otim vive uma relação poligâmica com o marido. Otim é uma das esposas e, pelo fato de “ser a favorita”, desperta ciúme entre as demais. Assim nos conta o mito:

Por muitos anos Otim viveu feliz com o marido.
Mas como ela era a esposa favorita,
as outras esposas do caçador sentiam-se muito enciumadas.
Um dia as outras esposas reuniram-se
e tramaram contra Otim.
Era o dia de Otim cozinhar para o marido (PRANDI, 2001, p. 145).

O tipo de contexto conjugal no qual o mito se situa desperta uma atmosfera de rivalidade entre as mulheres envolvidas. Os versos revelam que os muitos anos de felicidade vividos entre Otim e o marido despertaram ciúme nas demais esposas, as quais, movidas por este sentimento, boicotam o casal. A consequência deste gesto custa a vida de Otim, que acaba se tornando vítima de violência e difamação. O mito, dessa maneira, deposita grande peso sobre a figura da mulher, a qual seria desobediente, no caso de Otim, traiçoeira e competitiva, no caso das demais esposas. A agressão sofrida por Otim e sua consequente transformação em rio podem ser compreendidas como um castigo do destino. No entanto, cabe aqui uma reflexão acerca deste imaginário mitológico, sobretudo em relação ao caráter coercitivo do mito. Para isso, utilizarei um evento real de poligamia em busca de uma outra leitura.

A *Revista AzMina*, composta por um grupo de jornalistas que atua na internet com o intuito de informar e combater a violência contra a mulher brasileira,

publicou no dia 10 de abril de 2017 um minidocumentário feito por Juliana Luna intitulado *A Revolução das 15 esposas*. O vídeo conta a história de Nike Okundaye, uma das mais famosas artistas nigerianas da cidade de Lagos, que era uma das 15 esposas de um marido. Nike relata que o homem controlava as 15 mulheres dizendo para cada uma, individualmente, que era a favorita. Em certo momento, todas descobriram, e resolveram juntas se separar. Nike saiu de casa e foi seguida pelas demais. Foram morar juntas e, diante do desafio coletivo da responsabilidade do sustento diário, descobriram que a independência era seu maior poder. Para Nike, o poder da mulher nigeriana está no trabalho com as mãos. Então ela ensina as mulheres como trabalhar e conquistar a independência através da arte. Nike e as demais companheiras trabalham com a feitura de estampas que são exportadas para diversas localidades. O projeto agora já tem seis anos, e discípulas de Nike ensinam outras mulheres. Ninguém mais aceita ser polígama. Cada mulher tem o próprio marido. Cada uma se certifica que os filhos terão uma única esposa, porque muitas mulheres, Nike acredita, são vítimas da poligamia.

Outro aspecto a ser discutido envolve a reação do marido frente ao dito “tabu” alimentar, ou *ewó*. O mito não entra em detalhe sobre o que de fato significa para o marido provar do mel na comida. Escolhi elaborar esteticamente esta questão sensorial para tentar trazer um certo equilíbrio no que diz respeito às paixões inflamadas: o tabu da vida e do corpo de Otim me parece muito pesado se contrastado a uma questão de mero paladar. A questão dos tabus alimentares em relação aos orixás é constante; a grande maioria deles possui algum problema com algum alimento específico. Usualmente este tabu está relacionado a algum evento mal-sucedido, alguma ruptura ou transformação profunda. O mel em si nos permite pensar algumas questões. Trata-se de um alimento produzido por abelhas, que também são excelentes polinizadoras. Ecologicamente falando, as abelhas vivem em uma sociedade que funciona harmoniosamente em uma colmeia, onde se distinguem três castas: a rainha, alguns zangões, e muitas operárias. Uma sociedade essencialmente matriarcal, a rainha é responsável pela postura dos ovos, os zangões pela fecundação, e as operárias, como o próprio nome sugere, fazem todo o resto: limpeza da colmeia, nutrição das larvas, dos zangões e da rainha, produção da cera, conserto e feitura dos favos, produção do mel, defesa da colmeia, coleta de néctar, pólen e água. Estas operárias são fêmeas estéreis, e o que faz com que uma larva de abelha se torne uma rainha é a alimentação a partir de geleia real. Por fim, os zangões morrem ao fecundar a rainha, ou seja, são meros reprodutores. Logo, uma leitura ecológica do mel das abelhas pode trazer inferências sobre uma possível relação de poder entre este homem mitológico (possuidor de várias

esposas e agressor) e Otim. Justo o mel originado em um matriarcado é o seu tabu, o elemento revelador de sua violência.

Ainda vale dizer que, na “Mitologia dos Orixás”, Otim se apresenta através de dois mitos: em um é mulher e tem quatro seios, em outro Otim é homem e aprende a caçar com Oxóssi. Neste segundo mito, Otim possui um segredo, e por isso sua personalidade é misteriosa, e ele um rapaz arredio, sem amigos nem amores. Ele também foge do local onde vive e vai em direção à floresta, em busca de solidão. Na mata, ele sonha e executa um “ebó”, um despacho com o qual oferece sua faca e suas roupas em uma densa moita de arbustos à beira de um riacho. A nudez revela seu “corpo de donzela” (PRANDI, 2001, p. 148), justamente o segredo que fazia dele uma pessoa infeliz e solitária. O orixá Oxóssi surge, aceita o “ebó”, ensina Otim a caçar, e nunca revela seu segredo. Dessa maneira, percebe-se que, apesar do gênero de Otim variar, há uma inclinação à corporeidade feminina em ambos os casos. Também nos dois mitos, aspectos femininos deste corpo asseguram medo, solidão, vergonha. Otim está relacionada às iabás (orixás femininos) das águas, como Iemanjá e Oxum, mas também aos orixás masculinos da caça, como Oxóssi e Ogum. A mata, local de fuga de Otim, é território do incerto, do perigo e do medo. Na floresta não existem cabanas ou caminhos traçados, mas sim mata fechada e animais selvagens. Otim vai ao encontro deste ambiente, domina a caça, supera o medo, o corpo e a montanha.

O destino de Otim foi o mar. Como seria seu destino caso seu pai não tivesse proferido uma sina no momento do nascimento? Ainda que em parte a consequência de suas atitudes tenha seguido as palavras do pai, por fim Otim ultrapassa esse limiar e chega no local do incerto, do desconhecido. Este é um mistério do destino, pois carrega consigo um fardo de incerteza. Pode-se aqui falar da perspectiva yorubá de destino, a qual compreende que ele está interligado com a cabeça, a partir do conceito de *orí*. Os yorubás da Nigéria ocidental consideram a cabeça humana, ou *orí*, como a parte mais vital do corpo (LAWAL, 1985, p. 91). Por este motivo, as esculturas yorubás possuem cabeças grandes, ricas em elaboração e detalhe. Fisicamente, o *orí* é o índice de identificação individual, e local de órgãos importantes. Todavia, em um nível metafísico, *orí* é a fonte da vida e a essência da personalidade humana. A cabeça física é compreendida como nada mais do que uma casca exterior, *orí òde* (cabeça externa), a qual esconde *orí inú* (cabeça interna). Esta última é a que determina a existência e o destino dos indivíduos na terra.

A ontologia yorubá estabelece uma interessante relação entre cabeça, destino e o divino. No mito da criação, Oxalá fabrica a figura humana em argila divina, e Olódumarè, o deus supremo, lhe dá o sopro de vida. O ser então é levado ao atelier de Ajalá Alamo, o oleiro divino, responsável pela fabricação de cabeças-destino.

Em seu atelier, Ajalá Alamo possui cabeças já prontas para que a pessoa prestes a iniciar a vida na Terra escolha uma delas (LAWAL, 1985, p. 91). Apesar de aparentemente serem semelhantes, as cabeças internas são intrinsecamente diferentes umas das outras. Logo, a escolha da pessoa é o que determina sua sorte na vida. Aqueles que escolhem um bom *orí* têm sorte e prosperidade, enquanto que os que frequentemente sofrem infortúnios assume-se que escolheram um *orí* ruim. Todavia, os efeitos adversos de um *orí* ruim podem ser minimizados através de rituais, e que um bom *orí* tampouco automaticamente implica sucesso na vida – trabalho árduo é necessário em ambos os casos (LAWAL, 1985, p. 92). A partir dessa ideia se pode compreender *orí* como algo muito além de um aspecto do destino. Um dito popular afirma que o *orí* de uma pessoa é sua própria criação, constituindo uma fonte de vida pessoal e individual (LAWAL, 1985, p. 92). O *orí*, então, pode ser considerado como a divindade mais poderosa, e pode perfeitamente simbolizar o deus-cabeça do indivíduo. No caso de Otim, o que se pode afirmar é que, dentro do contexto mitológico, ao menos em princípio, o que viria a determinar a sorte de seu destino não estava contido em seu *orí*, mas sim nos seios, órgãos por excelência femininos, índice de amor e nutrição. Seu pai teve a sorte de seu próprio destino determinado pelas próprias atitudes, pensadas e executadas a partir de seu desejo de controle sobre o corpo e o destino da filha. Isto posto, percebemos que, assim como o de Otim, o destino de muitas mulheres no contexto da realidade frequentemente se depara com direcionamentos que são determinados a partir dos seus corpos femininos, e não necessariamente a partir de seus pensamentos, de suas cabeças, de suas capacidades ou competências.

Podemos nos debruçar sobre outra perspectiva de destino. Walter Benjamin fala do conceito de destino em *Origem do drama barroco alemão* como uma força da natureza dentro do processo histórico. O destino seria a realização plena de uma tendência natural, com a conclusão de um processo de transformação (BENJAMIN, 1984, p. 153). Em outro ensaio, *Crítica da Violência – Crítica do Poder*, Benjamin discute a duplicidade do termo *gewalt*. Em língua portuguesa, o termo se traduz como violência e poder. O pensador alemão afirma que existe uma lógica de retroalimentação dentro da esfera do direito e do poder, e esta lógica se movimenta em uma instância que remete à circularidade mítica. Esta, que seria uma *gewalt* mítica, consiste em premonições trágicas que já carregam em si a futura transgressão e, junto, o futuro castigo. O destino, pensado assim, torna-se ameaçador, e a violência se faz justificada e coroada por ele (BENJAMIN, 1986).

Este universo pode ser observado desde uma perspectiva que reflete sobre o aspecto coercitivo do mito, sobre uma ordem de destino. O destino que já surge a partir de uma ordem, de um comando, de um controle. A identidade entre o

aspecto de destino da esfera mitológica na esfera jurídica permite a percepção de que se pode quebrar a reprodução desta força. No entanto, como seria possível compreender a associação entre esta força ditatorial de destinos dentro dos processos em encontro com a realidade?

A pesquisadora Miriam Grossi, do Programa de Antropologia Social da UFSC, a partir de vários estudos realizados em Delegacias da Mulher, a partir dos dados registrados nos boletins de ocorrência, revela que as causas que levam ao acontecimento da violência contra a mulher são várias: alcoolismo, sexo, ciúme, dinheiro, família. Além das lesões corporais, existem outras agressões associadas, como ameaças, estupro, maus tratos, atentado violento ao pudor, sequestro em cárcere privado, entre outras. Há muitos anos o Brasil é um dos países recorde em violação aos direitos humanos das mulheres (GROSSI, 1994, p. 478). Segundo a pesquisadora, o que explica este quadro é uma condição de desvalorização e subalternidade da mulher brasileira, habitante de uma sociedade patriarcal e capitalista (GROSSI, 1994, p. 477).

Grossi considera ainda que a categoria de violência não é universal, ou seja, ela não significa o mesmo para todas as mulheres vítimas de agressões (GROSSI, 1994, p. 478). Em alguns casos, apanhar do companheiro pode ser considerado como algo positivo, pois denota a existência de uma pseudoestabilidade econômica em um contexto no qual as uniões conjugais são passageiras e pouco significativas. A pesquisadora conta que a violência física contra as mulheres pode ser também interpretada como “fruto de uma negociação malsucedida nas relações de gênero” (GROSSI, 1994, p. 478). A violência então pode servir como uma resolução para a cena conjugal, da qual a mulher deixa de ser coproprietária de um diálogo para se tornar vítima de um jogo de feminilidade e masculinidade, no qual ser vítima significa aderir a uma imagem de mulher (GROSSI, 1994, p. 478). A conclusão de Grossi é a de que tanto a ideia de violência quanto a de gênero são construtos históricos e culturais; ser homem, ser mulher e violência são concepções que variam de acordo com a cultura, com o contexto histórico e com a percepção social (GROSSI, 1994, p. 482).

O mito de Otim associa-se ao quadro social da violência contra a mulher. É possível perceber a coerção do mito, sua repetição na esfera social. A presença constante desta simbologia na sociedade indica a existência de uma neurose, de uma doença coletiva. Dentro desta tentativa de compreender ou traduzir o enigma envolvido na imagem mítica de Otim, poderíamos dar um passo além: poderíamos transfigurar com o mito os conflitos reais. Dar-se conta da presença da violência mítica na realidade também pode ser a esperança por conciliação e pelo apaziguamento desta negatividade histórica. Mario Pezzela, no ensaio *Image mythique et image dialectique. Remarques sur le Passagen – Werk*, discute estas questões no

trabalho de Walter Benjamin. Aqui se coloca lado a lado a tendência regressiva, arcaica e a potência utópica de uma imagem mítica. Dessa maneira, a forma mítica de Otim pode assumir a identidade de um passado recente. Ela é e não é vítima. Dentro do contexto ritualístico, Otim não admite que se mencione seus quatro seios, pois esta distinção fisiológica seria a grande responsável por sua trágica sina. No entanto, um olhar mais atento permite-nos perceber que sua natureza biológica nada de mal faz, não lhe impede de cumprir com nenhuma função vital e, pelo contrário, lhe confere um caráter a mais de beleza, sensualidade e sensibilidade. Os caracteres desta imagem mítica podem não ser alterados, mas o valor simbólico deles tem plena capacidade de metamorfose, de inversão anagramática. A imagem mítica de Otim pode ocupar outros papéis dentro do sistema cultural. A figura do pai pode ser a do homem sábio, protetor e amoroso, mas também pode ser a do homem controlador que visa manipular a vida e os desejos adultos da filha. O marido pode ser o grande amor que se transforma em vilão agressor, mas também pode ser vítima de um boicote que lhe afeta diretamente os sentidos. Podemos problematizar o significado de seu próprio tabu alimentar e como ele afeta sua essência, seu ser. Otim pode ser a coitada deficiente, que desobedece ao pai e é punida pelo destino, mas pode ser a revolucionária que supera os obstáculos impostos sobre a sua própria felicidade, não havendo montanha que impossibilite o curso de seu caminho.

A memória pode ser muito mais do que um reflexo passivo do que já aconteceu; ela pode modificar o sentido do passado à luz de um novo interesse presente. Portanto, Otim aqui não é a mulher portadora de deficiência física, não é a mulher com um destino predeterminado, não é a donzela de um marido, não é vítima de boicote e de agressão. Otim é aquela que perpassa e transcende todas estas etapas: Otim é aquela que foge do controle ditado e se encontra com a liberação do desconhecido. Seu poder é tamanho que ela inverte os papéis e carrega consigo o destino do próprio pai. Olhemos o mito não somente por sua semelhança com a realidade, mas também como medida de superação: tornar-se mar solicita o fim da negatividade histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. Crítica da Violência – Crítica do Poder. In.: _____. *Documentos de cultura, documentos de barbárie*: escritos escolhidos. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Souza. São Paulo: Cultrix, 1986, p. 160-175.
- _____. *Origem do drama barroco alemão*. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.

- GROSSI, Miriam Pillar. Novas/Velhas Violências contra as Mulheres no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, CIEC Escola de Comunicação UFRJ, número especial, p. 473-483, out. 1994.
- LAWAL, Babatunde. Orí: the significance of the head in Yoruba sculpture. *Journal of Anthropological Research*, v. 41, n. 1, p. 91-103, 1985.
- PEZZELLA, Mario. *Image mythique et image dialectique. Remarques sur le Passagen-Werk*. In: WISMANN, H. (Org.). *Walter Benjamin et Paris. Colloque international 27-29 juin 1983*, Paris, p. 517-528.
- PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Recebido em 13.06.2017

Aceito em 10.12.2017